

ESCREVER MOÇAMBIQUE

Ana Cláudia da SILVA¹

RIBEIRO, M. C.; MENESES, M. P. (Org.). **Moçambique**: das palavras escritas. Porto: Afrontamento, 2008.

Como vem sendo lido o espaço nacional moçambicano? Esta é a questão que norteia a coletânea *Moçambique: das palavras escritas* (2008), organizada por Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses, docentes da Universidade de Coimbra. As leituras críticas reunidas nesta obra apresentam-se em duas vertentes que se completam: uma, interna, focaliza as relações entre o passado e o presente, que se faz pela recuperação das raízes da diversidade cultural moçambicana; a outra, externa, focaliza a representação/(re)construção do espaço nacional como referência de análise. É nesta dupla vertente que se localizam questões como o que é a literatura moçambicana, quem são seus sujeitos, que vozes e saberes ela veicula e como ela contribui para o surgimento de formas diversas de pensar e escrever Moçambique.

Os artigos reunidos na obra podem ser divididos em três grupos temáticos: história da literatura moçambicana, crítica literária e reflexões dos escritores.

No primeiro grupo, a questão central é a definição da literatura moçambicana como tal, discutida à luz de sua historiografia e de seus cânones. Trata-se de três textos cuja maior colaboração é atualizar o olhar sobre a história da literatura de Moçambique, retomando vertentes analíticas do passado e repensando-as à luz de novas teorias.

Fátima Mendonça, uma das pioneiras da historiografia literária de Moçambique, vem problematizar o conceito de literaturas emergentes, e parte dele para uma reflexão sobre o estabelecimento de um cânone para a literatura moçambicana. A autora procura ler a produção literária do país nas dicotomias que se estabelecem, em diferentes momentos da sua história, entre ser africano e ser europeu/ser universal; esta polêmica entre o que é próprio e o que é do outro prolonga e amplia o diálogo com o passado colonial.

Com a lucidez que lhe é peculiar, Francisco Noa apresenta, em seguida, os principais “trilhos” por onde tem andado a literatura moçambicana, seja em seus temas, seja em suas formas. Uma importante contribuição deste artigo é o balanço

¹ Doutoranda em Estudos Literários. Bolsista CNPq. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14801-449 – anaclsv@uol.com.br

das produções literárias a partir da década de 90 do século XX; Noa apresenta os rumos que tem tomado a mais nova literatura de Moçambique. O país, que até finais da década de 1980 afirmou-se como “pátria de poetas”, vê despontar, agora, uma produção épica mais alentada, principalmente na forma de romance, que, segundo Noa, adapta-se melhor tanto às exigências do mercado editorial, quanto à “energia épica” que se encontra seja nas transformações abruptas da natureza, seja nas catástrofes humanas que têm atingido o país. É épica, sublinha o autor, a atitude dos moçambicanos tanto perante o meio, quanto na sua forma de dizê-lo.

Ana Mafalda Leite, por sua vez, procura, a partir das reflexões de Antonio Candido sobre a formação de um sistema literário no Brasil, traçar um panorama histórico que permite identificar a formação da tríade autor-obra-público em Moçambique, necessária, segundo Candido, para que se possa considerar uma literatura em seu caráter sistêmico. Leite identifica na literatura de viagens de Ignacio Caetano Xavier e Joachim Francisco de Sá, entre outros, as primeiras manifestações literárias moçambicanas. Posteriormente, a partir da introdução da tipografia, em 1854, surgem os primeiros periódicos, que veiculam poemas e pequenas crônicas, onde se destaca a obra do poeta Campos de Oliveira. O processo de assimilação empreendido pelo colonizador e favorecido pela atividade das missões católicas, que tinham no ensino ministrado em língua portuguesa o seu principal instrumento de formação, tornar-se-ia um fator decisivo para o surgimento de uma literatura moçambicana escrita em língua portuguesa. Ana Mafalda Leite relata que a primeira metade do século XX viu surgir progressivamente, nos poetas, não apenas uma autoconsciência de grupo, mas também uma concepção do fazer literário em que confluíam as dimensões estética e social de uma literatura que afirmava cada vez mais o seu caráter nacional. A partir da década de 1970, a incipiente crítica literária moçambicana ganha também mais vigor, de modo que, às vésperas da Independência (1975), era possível vislumbrar em Moçambique as raízes de um sistema literário que se consolidaria nos anos seguintes, já no período nacional.

O segundo grupo de artigos reúne leituras críticas da literatura moçambicana, cujos recortes são feitos ora por autor/autores, ora por época literária. Inicialmente, Maria-Benedita Basso apresenta um estudo sobre a literatura moçambicana produzida nos anos 80, época posterior à Independência, marcada pela guerra civil que se estendeu de 1976 a 1992. Da obra de Mia Couto, o escritor moçambicano de maior projeção, temos um estudo de gênero proposto por Phillip Rothwell; a presença dos indianos na obra coutiana, focalizada por David Brookshaw; o diálogo entre a revolução e a formação da identidade nacional e sua presença na obra de Couto é o tema desenvolvido por André Cristiano José. Hilary Owen e Silvio Renato Jorge abordam, na sequência, obras de escritoras femininas: enquanto Owen reflete sobre a escrita do feminino em Paulina Chiziane – a segunda escritora moçambicana de projeção internacional –, Jorge revê os percursos da escrita nas obras de Chiziane

e Lília Momplé. A obra de João Paulo Borges Coelho, autor cuja obra que vem despertando o interesse dos pesquisadores nos últimos anos, é analisada a partir das relações entre ficção e história e experiência e memória, respectivamente abordadas nos artigos de Rita Chaves e Alice Cruz.

Moçambique: das palavras escritas traz, por fim, as vozes de escritores como Luiz Carlos Patraquim, Nelson Saúte e João Paulo Borges Coelho, que refletem sobre as relações entre a literatura e a história – imprescindível para a leitura da produção literária de países que estiveram sob o jugo colonial – e sobre a experiência de escrever e viver em Moçambique. O leitor tem, assim, a reflexão poético-alegórica de Patraquim, que focaliza a presença da história em composições de José Craveirinha e Rui Knopfli; a ela soma-se a escrita memorialística de Saúte, que reflete sobre a vida e a atividade literária em Moçambique nos anos 80. Ambos os textos são arrematados pela reflexão desprestenciosa e brilhante de Borges Coelho, que, na dupla condição de historiador e ficcionista, destaca, em linguagem transparente, as contaminações e as divergências entre a escrita da história e a escrita literária.

Ao retomar as discussões sobre a história da literatura moçambicana, ao ensinar diálogos críticos com as obras dos escritores mais proeminentes daquele país e ao abrir um espaço para que os produtores literários reflitam sobre o seu labor, esta obra torna-se instrumento importante para os estudos sobre a literatura de Moçambique, não só pela complementaridade entre as diversas abordagens propostas, mas principalmente pelo caráter de revisão e atualização de saberes anteriormente constituídos.



